

**CEDI**

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Posanlim Class.: Pakaa-Nova  
 Data: outubro 1993 Pg.: 15 90

### Massacre dos Oro-Win

A 26 de julho de 1981, o então jornal de Guajará-Mirim *O Imparcial* publicava o edital do processo-crime nº 6.362, denunciando a "expedição organizada pelo Sr. Manuel Lucindo da Silva no seringal São Luiz, da propriedade dele para prender e matar índios da tribo Oro-Win..."

Doze anos mais tarde, o mesmo processo-crime está sendo retomado pela Justiça. A chacina ocorreu no tempo dos soldados da borracha, quando a meta era produzir e conquistar terras dos indígenas por todos os meios. Este processo é portanto o julgamento da mentalidade comum daquela época, que rezava: "Um índio bom é um índio morto!"

Mentalidade esta que custou a vida de milhares de índios que ocupavam estas terras, há vários milênios! Dom Francisco Xavier Rey, nosso bispo pioneiro, dizia que, ao chegar aqui, havia uns 30.000 índios nos vales do Guaporé-Mamoré. Hoje não passam de três mil a quatro mil! Isto por causa dos massacres repetidos e eficazes contra uma população indefesa, quando se comparam os "meios" de ataques dos brancos: armas "brancas" e armas de fogo com arcos e flechas dos índios. Sem falar de outros expedientes, como a contaminação das tribos por doenças contagiosas.

Alguns argumentam que os índios "atacavam". Portanto, os brancos deviam defender-se contra eles. E mostram umas fotos de seringueiro flechado e de um jovem morto cujos braços e pernas foram cortados. Isso é verdade. Lembro apenas que cortar pernas e braços, para o índio, não era profanação dos corpos, mas costume ancestral para se apropriar das virtudes do inimigo ou do parente falecido.

O que não é verdade é que "os índios atacavam". Apenas se defendiam da invasão desastrosa dos brancos, que não bateram fotos das atrocidades cometidas, quando massacravam tribos inteiras, metendo até o facão em mulheres e crianças inocentes.

Se existe em Guajará-Mirim

algumas famílias que foram vítimas dos índios, o que lamentamos profundamente, podemos garantir que não existe nenhum índio de seus 30 e 40 anos que não tenha avós, pais ou irmãos chacinados pelos brancos. É preciso escutar o lamento deles quando recordam estas violências.

Grande parte de nossa população guajaramirense não sabe disso, ou não quer mais saber. Nossa juventude não conhece nada sobre o assunto. Isto significa que toda a memória histórica da região está mutilada, escondendo o trágico destino de povos inteiros: Pakaa-Nova, Oro-Wari, Oro-Win, etc..., que viviam em paz nestas matas, e foram quase completamente aniquilados. Além do mais, eles não têm o direito de serem lembrados, por motivo de uma amnésia geral, que parece conviência com os crimes do passado.

O que esperamos deste processo-crime? Nenhuma vingança! Máxime contra uma pessoa idosa, o Sr. Manuel Lucindo da Silva que, por outro lado, pagou o seu quinhão de esforços e sofrimentos nesta terra. Aliás, os índios nada nutrem de sentimentos de vingança para com ninguém.

O que desejamos então? Que nossos magistrados, em que confiamos, ouçam a voz de nossos irmãos indígenas, testemunhas dos massacres do passado. Que registrem seus depoimentos e os transmitam a toda a nossa população. Que esta página dolorosa seja consignada nos livros de nossa história local e que seja ensinada nas escolas a toda a meninada e juventude.

O País vive um grande momento de luta contra os corruptores dos valores das riquezas nacionais. Que nossa cidade possa olhar o seu grandioso passado com orgulho, sem medo, porém, de reconhecer a terrível mancha do massacre de seus primeiros habitantes. Assim mostrará ao Brasil interior seu senso de Justiça e sua grandeza de alma.

**Dom Geraldo Verdier**  
Bispo de Guajará-Mirim (RO)